

ENTREVISTA: PROF. DR. Maurício Rocha e Silva



RM: O senhor foi aluno da Faculdade de Medicina da USP no final da década de 50, quais são as principais diferenças que o senhor consegue apontar na graduação atual?

Há muitas diferenças. No meu tempo nós éramos 80 em cada sala, era uma turma só e nós conhecíamos todo mundo. Para mim foi um choque quando eu voltei a dar aulas com as turmas divididas, em que a turma A não conhecia a turma B. Era um lugar mais sossegado, mais político, mais ideológico. A Atlética era considerada desprezível, apesar de eu ter sido atleta. A Atlética era segundo plano, o que importava mesmo era o CAOC. Os intelectuais iam para o CAOC e os da força bruta iam para a Atlética. O porão era completamente diferente. Tinha um lugar só das meninas, o departamento feminino, no qual homem não entrava e nem podia pensar em entrar, e as meninas nunca entravam do outro lado, ou muito pouco. Tinham pouquíssimas meninas, minha classe que era considerada uma classe de mulher, eram 11 de 80. Dos orientais só tinham japoneses, não tinham coreanos nem chineses. Eles eram os “CDFs”, graças a isso eles são muito melhor situados na escala social. Os japoneses do Brasil têm o mesmo standard de vida dos japoneses do Japão e brasileiros não tem. Da Medicina que eu aprendi não existe

mais nada, só anatomia. E, quanto aos professores, provavelmente vocês devem ter isso também, nós tínhamos os professores que nós sabíamos que eram bons, antes mesmo de começarmos a faculdade. E era isso mesmo, o que era bom era bom, um pouco de pré-julgamento.

RM: E o senhor consegue ver pontos positivos e negativos nessas mudanças?

Sim, evoluiu muito. Eu tenho a impressão que a cultura geral piorou, mas pode ser só uma impressão. A sensação é que no meu tempo a turma de 18 anos tinha uma cultura geral mais humanística. Hoje, vocês são muito técnicos. Pode ser que seja uma visão de alguém que tem 40, 50, 60 anos que é o tempo que eu fui professor. Mas no resto eu gosto muito mais do tempo de vocês, vocês são muito mais interessantes, mais vivos. Minha turma é excepcional, porque dos 80 formandos, 15 ou 16 acabaram professores titulares, desde a Cornell University (como era a ditadura militar, muita gente foi para fora) até o Instituto Pasteur. Aqui na escola há uns 10. Era uma classe tida como forte, muitos “CDFs”, inclusive o que aqui vos fala. Mas eu não era, nem de longe, o melhor aluno da classe, nunca nem cheguei perto. Tinha a MAC-MED que vocês não viram. No meu tempo a MAC-MED

lotava o ginásio de basquete. Era um mega acontecimento, tanto daqui como no Mackenzie. Depois na década de 80 já estava acabando.

RM: O senhor participou de alguma instituição como Atlética, CAOC?

Eu participei do CAOC e quase fui presidente da União Estadual dos Estudantes, do qual escapei por vontade própria: inventei uma grande mentira para dizer que eu não podia ser presidente, contei uma “lorota” enorme para a turma da política, e graças a isso a nossa turma perdeu a eleição. Dizem que nós iríamos ganhar fácil. Arrependi-me na época, mas em longo prazo evidentemente que não. Eu fui campeão paulista de 100m, não aqui da universidade, campeão de verdade. Eu corria 100m abaixo de 11s, 10,8. Ganhei em 4 categorias, de 100 a 400. Eu fiz atletismo, eu era bom, não era o bom porque tinha um cara que corria um pouco na minha frente que era não só campeão, mas recordista sul americano de martelo. Ele era um atleta de altíssima categoria. Eu ganhava campeonato paulista, mas brasileiro nem cheguei perto. Teve um ano que eu nadei, me colocaram para nadar costas, porque quem tem perna boa nada costas bem! E eu não ganhei nada, é claro.

RM: Como o senhor escolheu fazer Cardiologia, ou melhor, Fisiologia Cardiovascular?

Eu faço fisiologia cardiovascular, mais a parte de regulação, vasopressina, neurosecreção. Vocês tiveram aula com o Malnic (Prof. Dr. Gehard Malnic)? Ele foi o meu primeiro mentor. Meu pai, que descobriu a bradicinina, deu a mim como problema descobrir o que ela fazia na função renal. Quem trabalhava com fisiologia renal era o Malnic. Eu comecei estudar neurosecreção, que vasopressina secretava hormônio antidiurético. Essa era a minha tese de doutorado. Passei uns 15 anos trabalhando com neurosecreção. Fui para a Inglaterra e descobri que a vasopressina regula a pressão arterial, uma coisa fortemente suspeitada, mas nunca provada. Eu fui para a Inglaterra em 64, quando já era doutor, para continuar a estudar o efeito da bradicinina na neurosecreção. Foi muito interessante porque o meu chefe me disse um dia: “Vai para a biblioteca ver um trabalho. De uma olhada porque tem uma coisa esquisita nele”. Fui então ver o trabalho e quando voltei, disse “esse trabalho está sendo citado errado, todo mundo fala que este trabalho prova que a vasopressina não tem nada a ver com a regulação da pressão arterial, e o que está escrito no trabalho é o contrário”. Quando você acha um filho desses, isso rende. E o meu chefe disse então “Ah é, então você vai fazer isso, você vai tentar analisar a relação: o que a vasopressina faz na pressão arterial”.

Nós conseguimos demonstrar uma série de coisas, de estímulos secretores de vasopressina, que secretavam tanta vasopressina que ela tinha ação pressora. E daí quando eu voltei para o Brasil nós montamos um trabalho, eu e uma estudante, uma menina do 4º ano de Sorocaba, que era namorada de um aluno daqui. Naquele tempo ela se chamava Manuela Rosemberg. O trabalho foi publicado em 69 no Journal Physiology e nós provamos que a vasopressina participa do fenômeno de regulação da pressão arterial, o que ninguém tinha provado antes. Com isso eu fiquei conhecido. Fui novamente para a Inglaterra, fui por 3 anos staff do Instituto Nacional de Pesquisas Médicas, equivalente ao NIAG americano, que era e ainda é um grande centro de pesquisas. Fizemos, então, uma série de coisas que começaram a levar para vasopressina, angiotensina regulando pressão arterial, aquilo que acabou virando o inibidor da conversão de angiotensina, atual regulador da pressão arterial. Nós vivíamos numa ditadura militar e eu tive uma idéia, porque eu estava muito cheio do Brasil. Eu tinha um tio que era Brigadeiro 5 estrelas da aeronáutica, pensei então que se eu conseguisse ser caçado podia ir embora e nunca mais precisaria voltar. Disse então para o meu tio: “Me põe em uma lista de exilados, que eu quero ir embora e nunca mais voltar”. Eu acabei não fazendo isso, é claro, não fui caçado. Eu liguei para a Inglaterra, falei com o Gordon e disse “A coisa aqui está preta, me arranja um emprego”. Quando eu cheguei lá, seis meses depois, ele me contou que a mulher dele disse “Meu Deus, agora nós temos que juntar as duas meninas em um quarto (eles tinham duas filhas), colocar o Maurício e a Elza em outro quarto (que era a minha esposa), as crianças dormindo todas amontoadas”. Ela pensou que eu estava saindo correndo. Mas aí eu arranjei um emprego lá e passei quase quatro anos na Inglaterra. E no fim eu decidi que eu era mais livre no Brasil, que absurdo não é: mais livre no Brasil dos gorilas, do que na Inglaterra da democracia perfeita, porque aqui tem tudo, tem as inserções sociais, tem os amigos. Eu conheço muito bem a Inglaterra, a Inglaterra para mim é casa, porque eu morei lá quando criança, eu passei dois anos na Inglaterra com 8 anos de idade, eu sei o metrô de Londres de cor, eu me viro na rua em qualquer lugar. Eu entendo a vida lá, assim mesmo aqui é mais minha casa. Então eu decidi voltar para o Brasil no fim da ditadura do período Médici. Eu não me arrependi, eu acho que eu fiz a coisa certa. Um ano depois eu recebi uma carta perguntando se eu não queria voltar e ser chefe de uma divisão de pesquisa do Instituto, eu disse não obrigado estou muito bem aqui. Convidaram-me para a Cornell. Nessa época eu estava no auge, por causa daquela descoberta de que vasopressina regulava a pressão arterial. Um dia já quando eu trabalhava mesmo no Instituto, em 71, 72, apareceu um artigo de um pessoal do Canadá sobre

vasopressina, regulação coisas assim. Eu peguei o telefone, liguei para eles e disse: “será que você pode me explicar umas coisas que eu não entendi do seu artigo?”. ‘Ah claro, claro’, Eles me explicaram e eu disse “muito obrigado” e desliguei. Anos depois, uma pessoa que estava no laboratório lá no Canadá me contou que, quando eu desliguei, o rapaz quando colocou o telefone no gancho virou e disse para todo mundo “Sabe quem me ligou? Rocha e Silva – UÁU”, achei fantástico, eu me diverti quando soube muitos anos depois. Bom, quando eu voltei para o Brasil, apareceu o negócio da solução hipertônica que foi uma idéia do Irineu, um recém formado, que teve uma idéia brilhante e nós trabalhamos muito nisso. É o trabalho mais citado dos meus, mais até do que o da Rosemberg de 68”.

RM: Um das suas principais linhas de pesquisa é o trauma. Como surgiu a idéia de trabalhar com este tema?

Um dia um rapaz entrou na minha sala, o Irineu (Irineu Tadeu Velasco), que eu não sabia quem era. Ele era um recém formado saído, da residência. Vocês sabem quem ele foi? Ele foi diretor da faculdade. Ele apareceu um dia na minha frente com essa idéia: queria injetar cloreto de sódio a 7,5% em bicho em estado hemorrágico, porque achava que daria resultado. Eu olhei para ele e pensei, não disse: “Cada louco que me aparece, só faltava essa” e disse para ele “Ah muito interessante. Faz o seguinte então vai para casa, escreve um projeto e traz aqui”. Tinha certeza que com isso eu me livraria dele. Ele voltou uma semana depois, com um projeto que estava bastante bem elaborado. Pensei, então, vamos deixá-lo fazer. Ele começou a fazer e começou a dar resultado e ele, eu e ninguém entendíamos o que estava acontecendo. A partir daí eu entrei no projeto seriamente e disse “Bom agora nós temos que descobrir o que é isso, não vai ficar assim a gente vai dizer: injeta hipertônica em um bicho que sofreu hemorragia grave ele se recupera. Não dá pra escrever só isso”. Nós começamos a analisar e produzir ciência baseado naquilo, o que rendeu anos de pesquisa. Então foi assim, você tem que estar alerta para não perder uma oportunidade dessas. O que provavelmente é verdade é que a idéia, que não foi minha, não teria vingado sem alguém que soubesse fazer ciência de verdade em cima daquilo, porque o Irineu não sabia, ele aprendeu, mas ele ainda ele era muito criança para fazer sozinho. Tem 5.000 trabalhos publicados na literatura sobre hipertônica de 80 até hoje, antes de 1980, que foi a data da nossa publicação, tinham 50. Essa é a desproporção. Nós criamos um campo de pesquisa, de longe minha contribuição mais

importante, minha e do Irineu, é claro. Têm outras pessoas, Figueiredo também, vocês têm aulas com o Figueiredo, vocês tiveram aula de modalidade de choque no meu curso.

RM: Como o senhor se tornou editor chefe da Clinics? Como veio esse interesse?

Esse é um assunto muito interessante. Até o fim do século passado, 98 mais ou menos, publicar uma revista no terceiro mundo era total atraso de vida, não tinha o menor sentido, porque ninguém iria comprar sua revista, ninguém iria ler o seu artigo, mesmo que você escrevesse numa língua que as pessoas entendessem. Então era uma lei básica, qualquer cientista de médio para cima nunca publicava nenhum artigo original em revista brasileira se ele pudesse publicar lá fora, porque iria enterrar, não tinha nenhuma chance de sobreviver. No início dos anos 90 surgiu a internet o www e em 98 aconteceram duas coisas ao mesmo tempo. Uma no mundo inteiro, o PUB-MED que vocês conhecem e usam. Tudo que está indexado na National Library of Medicine aparece o título e o resumo, e para você entrar você clica e abre o resumo, aberto de graça para o mundo inteiro. São 16 ou 20 mil revistas do mundo, inclusive a revista do HC. Na mesma época surgiu um negócio chamado Scielo, que estabeleceu que a coleção de revistas deles é aberta, porque se você entrar no PUB MED e encontrar um artigo que lhe interessa, que foi publicado semana passada no American Journal Physiology, você não vai ler esse artigo, você só vai ler se tiver uma assinatura ou se a sua faculdade tiver, ou seja alguém tem que pagar. A grande invenção da Scielo é o acesso aberto de graça, não tem que pagar nada, você pode ler qualquer artigo que aparece. Isso significa que qualquer artigo que sai aqui desde 99 é lido no mundo inteiro e isso permite que você faça uma revista com maior impacto, com maior visibilidade, o negócio é visibilidade. Eu entrei aqui em 2004. De 99 a 2004 antes de mim foi o Pedro Paixão que é o professor de cirurgia vascular, antes dele não importa quem era porque a revista era um lixo, ninguém lia, ninguém publicava, ninguém escrevia. Recebia 50 artigos pra publicar 60, então tinha que aceitar tudo que vinha e pedir por favor para mais alguém escrever mais alguma coisa, era uma droga. No tempo do Pedro ele deu uma grande levatada na revista, ela saiu de zero, de nada, inexistente, para uma revista visível, com pequeno impacto e com leitores e começaram a aparecer artigos, um pouco mais, isso ele me disse. Um dia o Pedro disse, “Não tenho mais tempo para isso”, foram 5 anos, ele era cirurgião vascular, tinha que trabalhar. Já tinham me perguntado, 10 anos antes se eu queria ser editor, eu disse não obrigado, nem me importa não quero

nem saber, não tinha tempo para perder com isso. Um dia, chamaram-me aqui no conselho deliberativo, que é o órgão supremo do HC, dono da revista, numa reunião, e o Pedro disse “Estou entregando a revista e nós queremos saber se você aceita”. Na minha cabeça não era para aceitar, aí eu disse “eu vou me aposentar daqui a um ano e meio”, e o Giovanni (Prof. Dr. Giovanni Guido Cerri) disse, “mais um motivo para aceitar, você vai ter mais tempo para fazer a revista”. Então o Pedro disse “Não fala nada, fica quieto, vamos almoçar que eu te conto tudo”. Nós fomos almoçar no dia seguinte, e a primeira coisa que ele disse foi, “Artigo não falta estou recebendo 120 artigos por mês para publicar 60, dá para selecionar, dá para jogar fora os ruins. Pede um grande enxoval, você só aceita a revista com isso”. Nós fizemos, então, uma lista de coisas como editoração eletrônica, computadores de qualidade, porque os computadores daqui davam dó, mil coisas. Eu mudei o nome da revista, ela já era em português e inglês e eu mudei ela inteirinha para inglês e comecei a fazer campanha, Eu vou a congressos com uma porção de cartões e leio os pôsteres, dou o cartão para o jovem e digo manda para mim que me interessa. Quem me ensinou isso foi um americano, ele disse “Vai para todos os congressos, distribui seus cartões para molecada que você vai ver”. Bom esse ano, estamos em 7 de maio, eu já recebi 120 artigos, ano passado eu recebi no fim do ano 220, e no primeiro ano 160 mais ou menos. Nós estamos literalmente “estourando a boca do balão”, a gente está escolhendo bem, vem artigo do exterior. Uma outra coisa importante que se descobriu fazendo pesquisa é que com esse nome ninguém diz de onde a revista é, de que país veio e isso melhora a chance de receber artigos. É claro que se for americano ou britânico é prestígio se for brasileiro não. Os chineses nunca chamam as revistas deles de chinês nada, é *international journal*. Eu acho que isso aqui dá para fazer uma revista internacional de verdade e eu decidi que minha missão agora é essa, porque saber fazer ciência é uma coisa difícil, não que eu esteja velho, é que evoluiu demais, eu entendo biologia molecular, eu entendo o que há de mais moderno em ciência, mas eu não consigo mais pensar criativamente nessas coisas, entende?. Eu não fui treinado para isso, eu fui treinado para fisiologia de órgãos, para bicho inteiro, eu compreendo os raciocínios. Hoje em dia eu leio cada artigo que tem aqui umas três vezes: eu leio quando chega, leio quando volta dos revisores, e leio no fim porque eu falo muito bem inglês, eu sou o último revisor de língua, faço a revisão final, nós temos uma americana que faz o grosso, o artigo uma vez aceito vai para ela direto, ela corrige inclusive propriedades médicas e eu faço o detalhe de estilo, então a revista ficou boa de qualidade e a esperança é fazer dela uma grande revista internacional. Eu acho que nós precisamos ter, e sabe

por quê? Nós precisamos de um lugar em que nós não sejamos pirateados pelos estrangeiros. Isso existe, você faz uma descoberta realmente importante e manda para uma revista estrangeira, eles te pirateiam, se for muito grande eles pirateiam mesmo. Tem uma história clássica da ciência, de Henrico Fernico, um físico super importante. A Itália tem grande ciência e péssimos periódicos, os periódicos italianos são muito ruins, oficialmente que nem os professores ruins, isso era verdade já há 60, 70, 100 anos atrás. Fernico criou uma revista e publicava todos os artigos dele originais, todas as descobertas básicas que ele fez nessa revista, e distribuía cópias para todo mundo e com isso ele pôde evitar que os ingleses, que eram os piratas da época, agora são os americanos, roubassem as idéias dele. E isso é básico, eu acho essencial para o Brasil, a China já sabe disso, a diferença é que na China se você é chinês e é cientista o governo manda você publicar em determinada revista, então não tem opção. Nós não podemos fazer isso, eu posso dizer “Por favor, mandem-me artigos para publicar aqui”, mas se eu disser “Você vai publicar aqui” todo mundo ri de mim. Nós estamos no Brasil, aqui vale tudo, eu prefiro assim também. Eu acho que nós estamos gerando uma revista de qualidade.

RM: Como foi o processo de indexação da revista?

Essa revista já era indexada, eu ainda não indexei ela em nenhum lugar em que ela não estava, ela estava no PUBMED, desde que ela existe, naquele tempo era Index Medicus, que era muito mais permissivo, e ela estava no Scielo, porque a revista do HC não pode deixar de estar no Scielo, por pior que seja. A única coisa que me falta e que eu ainda não posso pedir é o ISI: Institute for Scientific Information, que é o que mede impacto. Impacto é uma fraude, mas todo mundo joga o jogo do impacto, então você tem que jogar. Tecnicamente essa revista tem 2 anos e meio, começou em 2005, antes ela era outra revista, porque mudou de nome. Portanto, tive que indexar tudo de novo. Lilacs e Scielo eram mais ou menos automático, porque eu já tinha dito para pessoal da Scielo que eu iria mudar o nome, eles disseram que poderia mudar a vontade que eles indexariam imediatamente. Eu fui, ainda chamando revista do HC, para um congresso de editores de ciência, uma reunião mundial no México, e o chefe do National Library Medicine, do PUB MED, portanto, estava lá. O Pedro dizia que tinha medo de mudar o nome da revista. O nome antigo era horrível, ninguém jamais citava direito um artigo, porque era: *rev hosp clin fac med*, é só tentar que você erra, então já começava que você nem conseguia achar os artigos que citavam na literatura. Ele tinha medo de mudar o nome e o Pub Med descredenciar, porque a revista não

estava suficientemente boa para os padrões atuais. No congresso tinha uma sessão que era “clínica de revistas”, apresente os problemas da sua revista. Eu levantei e disse os problemas da minha revista e que tinha um problema, o mais sério de todos, o nome da revista, que era um inferno, porque com esse nome ninguém cita, e que eu queria mudar o nome dela, mas tinha medo de que se mudássemos seríamos descredenciados do Pub Med sem o qual nós não existimos. Quando chegou no próximo intervalo ele chegou perto de mim e disse “assim que você mudar o nome da revista, manda sua papelada toda para mim diretamente que eu vejo isso imediatamente”. Você tem que fazer essas coisas, tudo isso existe. O Brasil hoje em dia é um cliente importante de ciência, ele publica 1,5 % de toda ciência do mundo, parece pouco, mas a China publica 3 a Inglaterra publica 8 ou 9, e os Estados Unidos é o “bicho papão” publica 33 % de toda ciência, cada 3 artigos que saem no mundo 1 vem dos Estados Unidos e os outros vêm do resto do mundo. Portanto, 1,5 é bastante. Nós há 15 anos atrás não éramos nada antes dos cursos de doutoramento. Sendo assim, o Brasil é um grande cliente de instituições, inclusive ISI. A Capes é um dos maiores clientes do ISI do mundo, porque eles compram todos os produtos para colocar a disposição de nós todos. A Capes gasta milhões de dólares, 3 a 4 milhões de dólares na ISI todo ano, para manter catálogos e coisas disponíveis, então você tem que ir lá fazer lob, e eu só posso pedir filiação no ISI no final do ano, quando fizer 3 anos de idade. Precisa ter três anos de existência. Eu não mandarei nada, irei à Filadélfia pessoalmente, pedirei para o presidente da Capes, que é meu amigo, para marcar hora para mim. Quando nós ficamos velhos assim, nós ficamos amigo de todo mundo que está nos cargos importantes, isso existe no mundo inteiro e é importante. Então o processo foi muito fácil até o último que falta, o dia que eu conseguir entrar no ISI eu tenho certeza que vai entrar mais artigo, quanto maior for o seu impacto mais artigo você recebe, e você só tem impacto entrando no ISI, é uma loucura, mas é assim. Tem um artigo da minha área de trauma que um americano super importante de Houston fez, a pesquisa era lixo. Fomos para um congresso internacional, um contestando o outro, porque ele é contra a hipertônica, entende, mas a pesquisa dele era um lixo, ele reconhece, na verdade nem é um lixo, ele atirou no que viu e acertou no que não viu. A idéia dele era a seguinte: a melhor maneira de tratar hemorragia grave é não tratar até chegar ao hospital e controlar os pontos de sangramento. É um pouco antiético, mas ele fez isso, juro por Deus, terças, quintas e sábados, não sei se os dias são esses. Os pacientes que sofriam acidente em Houston eram levados para o hospital sem receber nada e segun-

das, quartas e sextas eles eram tratados, e saiu no New England Journal of Medicine, onde eu jamais consegui publicar nada. Só que tinha um pequeno detalhe, quando era dia de não tratar os pacientes, os paramédicos chegavam e se o doente estivesse muito mal eles tratavam por engano, sem querer. Todo mundo faria o mesmo. Então, na verdade, eles conseguiram disfarçar isso muito bem e saíram no New England. Eles não excluíram esses pacientes, portanto, o grupo que não tratava saiu melhor do que o que tratava, porque não tratava os casos leves e tratava os casos graves, esse trabalho teve um impacto brutal, porque durante 5 anos todo mundo citou esse trabalho para falar mal, uma porrada atrás da outra em cima desse trabalho, e virou um trabalho de alto impacto. No dia que chegou esse trabalho eu e o Figueiredo escrevemos uma letter to the editor “esculhambando” o trabalho, mostrando que a estatística estava furada. Se eu fosse americano eles teriam publicado minha carta, como não era, apesar de ser autoridade no assunto, eles apenas disseram que não havia mais espaço para cartas sobre esse artigo. Esse é o nível de auto proteção, de sacanagem que existe em toda parte.

RM: O senhor ganhou vários prêmios durante sua carreira, inclusive o da Ordem Nacional do Mérito Científico? Como foi ganhar esse prêmio?

Foi um momento emocionante, porque esse é o maior prêmio que eu tenho, é uma condecoração nacional em nível de Grã Cruz. Na verdade, esse prêmio é proposto por várias instituições: Academia de Ciências, de Medicina, no caso eu fui proposto pela Academia de Ciências. Elas fazem uma proposta dos prêmios científicos e o governo faz uma seleção. Pediram-me o currículo, é claro, e eu mandei. Foi no tempo do Fernando Henrique. Fomos ao palácio eu, minha mulher, minha mãe, meus filhos todos, a tropa inteira olhar isso acontecer. É uma festa e é muito emocionante. Você ganha uma faixa, uma medalhona. Quinze dias depois disso chegou minha neta de 4 anos e disse “Cadê sua medalha?”. É um grande evento, é emocionante. Eu ganhei um prêmio de Lafe de ciência pela hipertônica. Essas coisas são boas, não fazem mal.

RM: No seu currículo havia algumas publicações sobre animais de experimentação, qual é sua posição a respeito desse assunto?

Eu já fui mais radical, há 10, 15 anos atrás eu diria que essa é uma discussão absurda, não tem o menor sentido, nós comemos os animais, nós comemos 100 animais para cada animal que nós usamos para pesquisa e sem os animais não existe nenhuma hipótese

de se avançar em ciência. Durante muitos anos eu tratei os protetores de animais como loucos, na minha cabeça eram alucinados, que inventam coisas a respeito dos maus tratos. Eu continuo achando que uma boa parte disso ainda é verdade, eu continuo achando que sem pesquisa animal não existe progresso médico e biológico, mas existe uma série de coisas que resultaram da ação das sociedades protetoras que eu acho que são resultados benéficos para nós todos, para ciência, para maneira como nós encaramos o mundo. Existe um argumento que eu acho bárbaro que é de um protetor, não consigo lembrar o nome dele agora, ele argumenta o seguinte que graças até mesmo da pesquisa científica feita com animais, nós acabamos por descobrir que os animais são muito, muito mais semelhantes a nós do que acreditávamos antes, todo sistema sensorial de um vertebrado é idêntico ao nosso, a integração neural de dor e de toda sensibilidade é muito parecida com a nossa, e nós atualmente estamos descobrindo coisas sobre o comportamento de animais que são muito mais sofisticadas do que pensávamos antes. Tem uma pesquisa que eu acho genial: eles pegaram uma espécie de passarinho, não sei nem o nome, eles prendiam o passarinho num ambiente, davam comida para ele um dia sim um dia não e, quando ele estava totalmente acostumado com a idéia de comer a cada 48 horas, eles começaram, ao acaso, a deixar comida escondida dentro do ambiente dele, que ele achava, e não há nenhuma dúvida de que se ele achasse comida na véspera do dia que ele iria comer, ele guardava, se ele achasse comida na véspera do dia que ele não iria comer, ele comia, ou seja, ele sabe prever o futuro, programar para o futuro. Isso era uma idéia totalmente impensável, e significa que há um nível de sofisticação mental, veja é um pássaro, não é um primata. Existem várias coisas que mostram que os animais têm consciência, o elefante olha no espelho e acaba descobrindo que aquilo lá é ele, há várias maneiras de testar isso, você muda alguma coisa, prende alguma coisa na orelha do elefante e o deixa olhar no espelho, ele acaba descobrindo que está nele, então tem muita coisa. Eu continuo achando que nós podemos e devemos fazer pesquisa, mas precisa de um cuidado ético com esse assunto, para mim sempre foi sério, mas eu acho que ficou muito mais sério com a descoberta da inteligência, que está acontecendo. Quer dizer, nós não sabemos como as baleias conversam, mas é evidente que elas conversam. Tem outra coisa muito antiga, conhecida há muito tempo, no sul da Inglaterra. Existe uma área de ferrovias, um complexo ferroviário, do jeito que o metrô é, todo eletrificado desde 1920, algo assim, a eletrificação não é por cima, é um terceiro trilho elétrico que tem na linha, então eles cercam essas linhas com certo capricho, para ninguém ir se jogar. Na Inglaterra eles caçam raposas com cachorros e

no começo as raposas morriam eletrocutadas nessa linha, elas atravessavam a linha, pisavam no trilho elétrico e morriam. Depois, numa segunda etapa, elas aprenderam que aquilo era perigoso, e houve um período em que raposas jamais chegavam perto de linha ferroviária no sul da Inglaterra, e a terceira fase elas iam para a linha ferroviária pulavam a linha e deixavam o cachorro ser eletrocutado. Isso é transmissão cultural, ou seja, a informação passou de geração para geração. Como passa não temos a menor idéia, mas não tenho a menor dúvida que passou. E têm muitas outras coisas. Suponha que os protetores de animais digam “A pesquisa de animais é desnecessária, que tudo dá para descobrir sem fazer pesquisa em animal e, portanto, devia ser proibida”, essa é meta de ouro deles, o gold standart dos protetores. Eu costumo dizer quando tem discussão hoje em dia, vamos supor que eu sou um desses pesquisadores no mundo ideal de vocês protetores: então está aqui, eu tenho essa folhinha aqui de remédio que cura câncer de pulmão, um câncer 100% letal, e eu descobri esse produto sem até hoje jamais injetar em nenhum ser vivo, nunca fiz um experimento animal, mas eu sei, porque sou um cientista desse tempo agora no futuro, que isso aqui cura câncer de pulmão, está bom? Em quem que eu vou injetar isso? Num bicho ou no seu tio que tem câncer de pulmão? O mais importante a respeito dessa resposta é que não tem a menor importância o que você responde, porque se você disser que é no seu tio eu estou pela primeira vez injetando alguma coisa que jamais foi injetada num ser vivo, portanto eu estou fazendo um experimento em animal que é o seu tio. Não existe isso, não é possível ver o tempo em que nós sabemos sobre os sistemas biológicos tanto que possamos deduzir uma invenção sem precisar testá-la. É impossível, não está no nosso tempo, é mais fácil clonar pessoas, fazer com que células tronco virem coração novo, do que conceber um mundo em que você sabe tudo sobre o sistema biológico de maneira que você possa criar uma cura, ou uma correção sem você nunca precisar testar, eu acho isso muito além do que podemos atender, então para mim não tem hipótese, tudo que nós descobrimos precisou e vai continuar precisando ser testado.

RM: O senhor quer falar mais alguma coisa?

Quero, eu sou nadador, depois de velho eu virei nadador, agora eu treino quatro vezes por semana, nado em competição. Outro dia nós quase batemos o recorde sul-americano da nossa faixa etária de 4 por 50. Enfim, eu voltei a ser o que eu era antes. Hoje eu nadei 3 km, isso é o treino rotina de 2 a 3 km, hoje eu vou dormir cedo.